

## Chapéu alheio

A ação do governo Lula de faturar politicamente anúncio de investimentos da Toyota em Sorocaba (SP) provocou novo atrito com a gestão Tarcísio de Freitas (República). O aporte de R\$ 11 bilhões, com geração de 2.000 empregos, foi antecipado pelo jornal O Globo. A empresa pretende produzir novos modelos de um compacto híbrido e de um SUV. "Mas uma conquista do Brasil e do governo do presidente Lula", escreveu o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Geraldo Alckmin, no X.

**PAI DA CRIANÇA** O governo de SP diz que seu papel na atração do investimento foi fundamental. Em outubro de 2023, o secretário Jorge Lima, de Desenvolvimento Econômico, viajou a Tóquio, onde se encontrou com diretores da Toyota para discutir vários projetos. O caso se soma a outros atritos como o do túnel Santos-Guarujá, em que a gestão Lula primeiro dispensou a participação do estado e só recuou após reclamação de Tarcísio.

**QUEIMOU A LARGADA** As declarações do presidente do BC, Roberto Campos Neto, à Folha sobre uma reunião com Fernando Haddad (Fazenda) para debater a emenda que amplia a autonomia do órgão geraram mal-estar com o Ministério da Fazenda. Haddad havia pedido para que o comandante da autoridade monetária não abordasse o assunto antes que o ministro conversasse com Lula (PT) sobre a questão.

**IMPASSE** O PT de Curitiba não conseguiu chegar a uma definição sobre que rumo tomar na disputa municipal. Em encontro no sábado (2), 24 integrantes do diretório optaram por aliança, contra 19 proclamação própria. O nome mais forte para receber apoio do partido é o deputado Luciano Ducco (PSB), que enfrenta resistência interna por ter apoiado o impeachment de Dilma Rousseff. A decisão foi empurrada para abril, quando os filiados serão consultados.

**ILHA DE MAGIA** Em campos opostos na eleição em SP, PSOL e PSJ estão em conversas adelantadas para um acordo em Florianópolis (SC). A tendência é união de candidatas em torno da candidatura do deputado estadual ao Marqueto (PSOL). A aliança pode contar ainda com o PDT. Já o PT encisa apresentar nome próprio.

**TALHO** Lideranças indígenas realizaram protestos nesta segunda (4) em Santarém (PA) contra a Ferrogrão, que deve transportar soja de Mato Grosso a portos no Pará. Foi feito um julgamento simbólico da obra em um "tribunal popular". A ferrovia, cujo projeto atualmente está parado no STF, é prioridade para o agronegócio, mas tem oposição de ambientalistas e povos de diversas etnias, que temem degradação da região.

Com Guilherme Soto, Danielle Brant e Catarina Scottorci —

## GRUPO FOLHA

## FOLHA DE SPALLO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Redação São Paulo

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseu | 01202-900 | (11) 3224-3222

Circulação: 600 mil exemplares | 0800-015-9000

Assinatura no assinante | (11) 3224-3050 | 0800-775-8080

Assine a Folha | assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital limitado	Digital Premium
PLANO MENSAL	R\$ 29,90	R\$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa	Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom. e fer.
SP, RJ, RJ, SP	R\$ 11,00	R\$ 1.374,00
DF, SC	R\$ 11,00	R\$ 1.374,00
RS, GO, MT, MS, RS	R\$ 11,00	R\$ 1.374,00
AL, BA, PE, SE, TO	R\$ 11,00	R\$ 1.374,00
Outros estados	R\$ 11,00	R\$ 1.374,00

\*O valor por exemplar é de R\$ 24,90. O preço de venda é de R\$ 24,90.

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (em mil)

795.566 exemplares (junho de 2023)



Bolsonaro conversa com o então chefe do Exército, Freire Gomes, em 2022. Ueslei Mesquita - 13 ago 2022 / Fp/Agf

## General complica Bolsonaro e confirma à PF discussão acerca de minuta golpista

Freire Gomes, ex-chefe do Exército, respondeu a aproximadamente 250 questões durante depoimento de sete horas na sexta-feira (1º)

César Feitosa e Julia Chalh

**BRASÍLIA** Ex-comandante do Exército, o general Marco Antônio Freire Gomes confirmou à Polícia Federal que foi convocado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) para reunião em que se discutiram propostas golpistas, incluindo uma minuta com medida para reverter a eleição de Lula (PT), em dezembro de 2022. Pessoas próximas afirmam que ele respondeu a cerca de 250 perguntas sobre os dias finais de sua chefia no Exército, em depoimento de sete horas na sexta (1º).

Ele implicou Bolsonaro como responsável pela manutenção dos acampamentos golpistas e se eximiu da responsabilidade pela participação das Forças Armadas como fiscalizadoras das eleições, o que colocou em dúvida a confiança das urnas eletrônicas. Generais ouvidos pela Folha afirmam que, apesar do desgosto institucional de um ex-comandante do Exército depor à Polícia Federal, foi a primeira vez que Freire Gomes teve a oportunidade de contar sua versão dos fatos após uma série de especulações serem levantadas.

Ele ainda diz que o depoimento era relevante para o general demonstrar que não foi emissão de ordem de apelo, mas sim de uma ordem de desobediência, o que teria sido feito por Bolsonaro, aliados do ex-presidente e militares.

Como a Folha mostrou, Freire Gomes já vinha atribuindo a Bolsonaro a responsabilidade pela manutenção de acampamentos golpistas em frente aos quartéis de Estação da Luz, porém, que ele próprio disse a todos os generais da ativa em 10 de novembro de 2022 que os acampamentos não deveriam ser reprimidos — também não levou em consideração a nota dos comandantes das Forças, no dia seguinte, com tom considerado elogioso aos manifestantes em frente ao QG do Exército.

O general é citado no relatório da PF sobre o planejamento de um golpe de Estado como um dos que teriam sido contrários às investidas contra o resultado eleitoral. A resistência foi criticada pelo general Walter Braga Netto, candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro.

"Aculpi pelo que está acontecendo e acredito que o Gen. Freire Gomes, Omissão e in-

decisão não cabem a um combatente", escreveu Braga Netto em mensagem enviada pela Polícia Federal. O ex-emissário ainda chamou o chefe militar de "cagão".

A PF também identificou áudios enviados por Mauro Gid a Freire Gomes que indicavam que o general sabia das minutas de decreto golpistas — o que gerou suspeitas de que o ex-comandante poderia ter sido omissivo.

"O presidente tem recebido várias pressões para tomar uma medida mais, mais pesada, onde ele vai, obviamente, utilizando as Forças, né? Mas ele sabe, ele ainda continua com aquela ideia que ele está no mundo. Ele está. É cara do agito. São alguns deputados, né? E não... Então é a pressão que ele tem recebido o maior grande. E hoje o que que ele fez hoje de manhã? Ele engasgou o decreto né? Aquelas considerações que o senhor viu e enxugou o decreto, fez um decreto muito mais e reverteu, né?", disse Gid.

Para prestar o depoimento na sexta, Freire Gomes voltou de viagem à Espanha, onde visitou familiares. Ele conversou com militares mais próximos, que mantêm cargo relevante na estrutura do Exército, e se mostrou disposto a colaborar com as investigações.

O ex-comandante da Aeronáutica Carlos Baptista Júnior está em situação semelhante. Ele prestou depoimento por quase dez horas à PF em meados de fevereiro e também confirmou a participação em reuniões de tom golpista no Palácio da Alvorada.

Baptista Júnior e Freire Gomes afirmaram a interlocutores que não tinham intenção de restarem apresentados oposição às intenções antide-mocráticas, o único que teria manifestado apoio às investidas, segundo a delação do tenente-coronel Mauro Gid, foi o ex-comandante da Marinha Almir Garnier Santos.

O almirante foi chamado a depor à PF no último dia 22, mas optou pelo silêncio.

Investigadores querem concluir rapidamente as apurações que miram Bolsonaro. A intenção é finalizar os três depoimentos que têm o ex-presidente na mira até junho.

O último que deve ser encerrado é justamente o das mídias digitais, que trata da investigação sobre uma trama para dar um golpe de Estado.

Os outros dois envolvem o recebimento de um pacote de joias da Arábia Saudita e a fraude no cartão de vacinação do ex-mandatário. Esses inquéritos devem ser concluídos antes, pelo cronograma estabelecido pela PF.

Além desses militares, a polícia colheu depoimento de outros generais, ex-ministros, ex-assessores, aliados de Bolsonaro. Ao menos 24 pessoas prestaram depoimento no mês passado. A maioria optou pelo silêncio, como fez o ex-presidente, mas ao menos quatro pessoas falaram.

Segundo investigadores, houve entre os depoentes quem demonstrasse interesse em colaborar por meio de delação premiada. Quem acompanha o caso, porém, pondera que foram demonstradas apenas intenções iniciais.

Embora tenha ficado calado no depoimento, Bolsonaro aproveitou um ato que organizou na avenida Paulista, no dia 25 de fevereiro, para se defender das acusações de que tramou um golpe.

Mas, na avaliação de investigadores, ele acabou produzindo prova contra si mesmo. Isso porque, para a PF, ele admitiu saber da existência de uma minuta golpista.

"Agora o golpe é porque tem uma minuta do decreto de estado de defesa. Golpe usando a Constituição? Então paciência", disse ele no ato.

A PF pretende inserir a fala no contexto da investigação. A defesa de Bolsonaro diz que ele soube da minuta só em 2023, por meio de investigações da polícia.

Dos militares intimados a depor, Braga Netto decidiu ficar calado. Sua defesa disse que solicitou o "acesso absoluto e integral a toda investigação para que possa prestar os devidos esclarecimentos".

Os generais Augusto Heleno, Mario Fernandes e Paulo Sérgio Nogueira, o ex-comandante da Marinha Almir Garnier Santos e outros militares alvos da investigação também ficaram em silêncio. Já o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, afirmou que ele "respondeu todas as perguntas que lhe foram feitas". A mesma coisa fez o ex-ministro da Justiça e ex-secretário de Segurança Pública, que respondeu serenamente a todas as perguntas que lhe foram feitas sobre a "presidência".

Volte para a página 1